MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALDA TEREZINHA BERALDO,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

EDITORAREVIRAVOLTA

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

AUTORIA ALDA TEREZINHA BERALDO,
ESPECIALISTA DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

COORDENAÇÃO CRISTIANE FERNANDES TAVARES,
DA COMUNIDADE EDUCATIVA CEDAC

LIVRO
MENINO DO MATO

AUTOR
MANOEL DE BARROS

TEMA
ARTE E NATUREZA

GÊNERO LITERÁRIO
POEMA

EDITORA REVIRAVOLTA

Conteúdo
CEDAC — Centro de Educação e Documentação para a Ação Comunitária

Revisão
Angela das Neves
Renata Lopes Del Nero

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Beraldo, Alda Terezinha
Material digital do professor — Menino do Mato / Alda Terezinha Beraldo ; coordenação de Cristiane Fernandes Tavares ; CEDAC. — 1ª ed. — São Paulo : Editora Reviravolta, 2021.

Bibliografia
ISBN 978-65-88893-04-3

1. Literatura – Estudo e ensino I. Título II. Barros, Manoel de. Menino do Mato. III. Tavares, Cristiane Fernandes. IV. CEDAC.

21-0697 CDD 372.64044

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura – Estudo e ensino 372.64044

2021
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA REVIRAVOLTA LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702 — cj. 72
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500

SUMÁRIO

Apresentação, 5
Carta, 7
O curso da vida, o percurso do poeta, 8

Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa, **13**
Pré-leitura, 14
Leitura, 16
Pós-leitura, 22

Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento, **26**
Pré-leitura, 26
Leitura, 29
Pós-leitura, 35

Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra, **37**
Estrutura: Autor e sujeito lírico se confundem — e provocam o leitor, 37

Sugestões de referências complementares, **42**

Bibliografia comentada, **43**

Obras citadas, **44**

APRESENTAÇÃO

Cara professora, caro professor,

Neste manual, você vai encontrar material de apoio para o trabalho com o livro *Menino do mato*. Desde já, enfatizamos que as propostas de atividades feitas aqui são sobretudo sugestões e não pretendem esgotar as possibilidades de leitura da obra.

Ele é composto dos seguintes itens:

1. Carta: conversa coloquial que contextualiza a obra e dados biográficos do autor, além de apresentar sua importância para a vivência literária no Novo Ensino Médio.

2. Propostas de atividades I: Este livro e as aulas de Língua Portuguesa: sugestões para o encaminhamento do trabalho antes, durante e após a leitura.

3. Propostas de atividades II: Este livro e as outras áreas do conhecimento: sugestões voltadas a professores de outros campos do saber para trabalhar a obra literária em atividades de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

4. Aprofundamento: Análise estética e crítica da obra: subsídios e orientações que auxiliem o professor a exercitar sua leitura crítica, criativa e propositiva, articulando a expressão literária com outras produções e também com a experiência individual e social.

5. Sugestões de referências complementares: indicação de fontes diversas que podem enriquecer a experiência de leitura desta obra.

6. Bibliografia comentada: apresentação das obras usadas para elaborar este manual, com um breve comentário.

7. Obras citadas: lista com as referências citadas no texto.

Este material foi produzido com a supervisão da Comunidade Educativa CEDAC, instituição que atua na formação de educadores das redes públicas desde 1997, com ampla experiência em projetos que visam à formação de leitores, por meio da qualificação e institucionalização das práticas de leitura nas escolas. A coordenação pedagógica da CE CEDAC acompanhou a produção e a edição do material escrito por especialistas em literatura e didática da leitura. Houve cuidado não só em favorecer a análise dos aspectos literários da obra, mas também em propor situações com o livro no contexto escolar, situações que favorecessem o diálogo com os estudantes e suas reflexões acerca da obra e de seu con-

texto sócio-histórico. O material também contou com a leitura crítica de toda a equipe envolvida na produção editorial.

A intenção foi indicar caminhos para que você, professor, possa mediar uma experiência literária que seja significativa aos estudantes, ampliando as condições para apreciarem esta e outras obras.

Esperamos que receba este material como um convite ao diálogo entre você e o livro, entre você e seus estudantes.

Bom trabalho!

CARTA

Cara professora, caro professor,

Por que trabalhar uma obra de Manoel de Barros com estudantes do Novo Ensino Médio? O título, *Menino do mato*, nos dá a entender que se trata de literatura para a infância? Podemos adiantar que não é isso. Consideramos que é uma oportunidade de fruir uma obra aparentemente simples, porém muito sofisticada, com peculiaridades estruturais e estilísticas que enriquecem a compreensão sobre o funcionamento e as potencialidades expressivas da língua. Proporciona uma experiência estética e linguística singular.

Não é apenas a estrutura dos poemas de *Menino do mato*, em versos livres e sensíveis, que nos surpreende, mas também a estrutura do próprio livro. O mesmo ocorre com as demais obras do autor: todas revelam o grau de liberdade que a arte literária pode oferecer como expressão. Manoel tece sintaxes, faz escolhas lexicais e cria palavras feito uma criança e feito um poeta mesmo, um homem-criança, muito similar ao que faz João Guimarães Rosa (1908-67) em suas narrativas. Aliás, eles se conheceram e se admiravam mutuamente.

Menino do mato registra experiências de uma infância muito particular, que provoca o leitor a recuperar a própria infância, a compreender determinada infância ou todas elas. Faz pensar sobre a subjetividade nas relações humanas, a vida como experiência nos diferentes espaços e grupos sociais, na empatia com os andarilhos e os frágeis de juízo; na identidade e no pertencimento a lugares de morada. Faz pensar, principalmente, sobre a comunhão do homem com as paisagens naturais, sobre a representação da natureza pela arte e a linguagem artística como expressão. Daí a indicação do **tema arte e natureza** como predominante na obra. Arte entendida como trabalho com a linguagem poética e natureza traduzida nas relações que o meio natural possibilita ao homem.

Vamos apreciar alguns recortes dos poemas de *Menino do mato*:

> *O que a gente aprendia naquele lugar era só ignorâncias*
> *para a gente bem entender a voz das águas e*
> *dos caracóis.*
> *A gente gostava das palavras quando elas perturbavam*
> *o sentido normal das ideias.*
> (p. 14)

Bernardo não sabia nem o nome das letras de uma
palavra.
Mas soletrava rãs melhor que mim.
(p. 18)

Quando meu Vô morreu caiu em silêncio
concreto sobre nós.
(p. 65)

Naquele dia eu estava um rio.
O próprio.
(p. 93)

Tinha um índio terena que diz-que
falava azul.
(p. 99)

Como é sabido, os versos moram nos poemas e estes habitam o gênero literário. O destaque é que o **poema**, de maneira mais sucinta que a narrativa, eleva a língua ao mais alto grau de liberdade, simbologia, representação.

Ao longo deste material, traremos exemplos de outras obras do poeta, entre as 25 publicadas no Brasil, de 1937 a 2011, para apresentar a obra de **Manoel de Barros** no próprio contexto de criação e no contexto histórico-literário. Vale lembrar que o poeta foi agraciado com treze premiações, entre elas as mais representativas no país, como Prêmio Nestlé, Prêmio Jabuti, Prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e da Academia Brasileira de Letras (ABL).

E os jovens do Novo Ensino Médio, que aspiram a formações acadêmicas variadas, como podem se ver diante de propostas de escrita poética? O que pensam sobre a expressão artística? Aproximar-se da leitura literária pode fortalecer também a compreensão dos gêneros não literários.

O CURSO DA VIDA, O PERCURSO DO POETA

Em 2013, um artigo do *Campo Grande News* iniciava deste modo: "Manoel de Barros não anda nada bem de saúde, tem escrito pouco, mas continua produzindo". No ano seguinte ele faleceu, em Campo Grande (MS).

A trajetória literária do poeta durou 76 anos. Manoel de Barros nasceu pouco antes da Semana de Arte Moderna no Brasil, também chamada de Semana

de 22. Quando o Brasil embalava a segunda fase do modernismo, ele deu à luz um livro de forma não convencional, confeccionado por alguns amigos e intitulado *Poemas concebidos sem pecado* (1937). Era um tempo em que os escritores, embora pudessem se sentir livres para produzir sonetos, criavam mesmo poemas despreocupados com estrutura fixa, com métrica específica ou com a presença de rimas. Lembrando dos revolucionários versos "no meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho", observamos que seu autor, Carlos Drummond de Andrade (1902-87), destacava-se nesse momento literário brasileiro ao lado de Murilo Mendes (1901-75), Jorge de Lima (1893-1953), Cecília Meireles (1901-64) e Vinicius de Moraes (1913-80).

No romance, no mesmo período, evidenciavam-se Rachel de Queiroz (1910-2003), José Lins do Rego (1901-57), Graciliano Ramos (1892-1953), Jorge Amado (1912-2001) e Erico Verissimo (1905-75), com obras que questionavam a realidade e mostravam preocupação com o destino dos homens e o estar no mundo. No Brasil, multiplicavam-se greves em oposição à ditadura de Getúlio Vargas (de 1937 a 1945). Grupos defendiam a reforma agrária e combatiam os nazifascistas. Acontecia e terminava a Segunda Guerra Mundial (1939-45).

Na sequência histórico-literária, entre 1945 e 1950, tivemos a Terceira Geração Modernista, denominada Geração de 45. Manoel de Barros, então com apenas duas obras publicadas, está inscrito cronologicamente nesse momento literário, mas formalmente se identificava com o pós-modernismo brasileiro. Lançou nesse período seu segundo livro, *Face imóvel* (1942), cuja paisagem é a cidade do Rio de Janeiro — nessa obra identificamos marcada influência de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes. No poema "Uns homens estão silenciosos", Manoel de Barros escreve (2016):

> *Eu os vejo nas ruas quase que diariamente.*
> *São uns homens devagar, são uns homens quase que misteriosos.*
> *Eles estão esperando.*

Em *A rosa do povo* (1943-5), Drummond escreve no poema "Nosso tempo" (2012, p. 23):

> *Escuta a hora formidável do almoço*
> *na cidade. Os escritórios, num passe, esvaziam-se.*
> *As bocas sugam um rio de carne, legumes e tortas vitaminosas.*

A irmandade entre Manoel de Barros e Drummond é notória, e o ambiente é urbano, bem diverso da natureza imperante em *Menino do mato*. É uma época

em que Manoel viaja pela América do Sul, pela Europa e para Nova York, banhando-se das artes plásticas. Além de muitos pintores e pinturas figurarem em seus poemas, ele também trabalha plasticamente com as palavras, explorando imagens e renovando a língua.

Como bem exemplificam os versos citados, a Geração de 45 renovava o regionalismo mas também colocava em foco o urbano e a linha psicológica, introspectiva, com acentuada preocupação técnica. Ali tivemos, por exemplo, a prosa de Guimarães Rosa e de Clarice Lispector (1920-77); em dramaturgia, romance e poesia, Ariano Suassuna (1927-2014); na poesia, João Cabral de Melo Neto (1920-99). Era o fim da Era Vargas e o início da Guerra Fria (1947-91), protagonizada por Rússia e Estados Unidos.

Em seguida, desponta a Geração de 50, ou o pós-modernismo, que perdura até hoje, sendo esse período também denominado "literatura contemporânea". Em 1956, Manoel de Barros publicou sua terceira obra, *Poesias*, expressa de forma mais convencional do que a anterior, uma vez que nela o eu lírico se volta à interioridade, à maneira dos poetas da segunda geração romântica (1853-69); nela escreve alguns sonetos, vale-se de frequentes interjeições para expressar lamentos, utiliza rimas constantes. O livro se abre com estes versos:

Fragmentos de canções e poemas

1.
Ah florescer de tarde
De amor, no cais!
Entre navios altos
E velas brancas.

E mais adiante:

12.
Meus ombros emigram de mim para os pássaros.
E o corpo foge, roçando nos cactos secos do deserto.
Ó Deus, amparai-me.
Os limites me transpõem!

16.
Ai, sossego de terras pisadas por mim...

E os silêncios caídos como folhas
Nos limites de uma tarde aberta...

A quarta obra do poeta, lançada em 1961, *Compêndio para uso dos pássaros,* marca um caminho estilístico sem retorno: caracteriza-se por acentuada irreverência nas experimentações linguísticas e estruturais. O autor voltava a morar no Pantanal mato-grossense e começava a marcar firme seu estilo, tornando muito presente a infância e realizando surpreendentes "traquinagens" com a linguagem.

Até sua morte foram mais 21 publicações em que Manoel de Barros continuou praticando sua liberdade criativa. São características que se mantiveram nas obras de 1969 a 1982, em que o poeta colocava a própria poesia no centro de sua temática. Nos anos 1980, graças ao poeta, desenhista e jornalista Millôr Fernandes (1923-2012), Manoel de Barros começou a ser conhecido no meio literário. Daí para a frente é o que você, caro professor, já sabe: inúmeras premiações e a consagração.

De 1950 até a atualidade, destacaram-se na literatura brasileira os concretistas e a poesia marginal, e continuaram muito presentes no repertório dos leitores poetas como Cora Coralina (1889-1985), Ariano Suassuna, Ferreira Gullar (1930-2016), Adélia Prado (1935). Todos eles olhavam para o simples, mas foi Manoel de Barros quem mais olhou com lupa para as miudezas perdidas no chão ou para o velho descartado.

Em seu poema "Matéria de poesia" (1974), escreveu: "Tudo aquilo que a nossa/ civilização rejeita, pisa e mija em cima,/ serve para poesia". De 1982 a 2011, Manoel de Barros foi presenciando toda gama de produções literárias, cada vez mais fiel à sua produção, que denominou "vanguarda primitiva" — devido à sua fascinação pelo primitivo; como disse em entrevista, "essa fascinação me levou a conhecer melhor os índios. Gosto de ler as narrativas dos antropólogos" (MARTINS, 2006).

UM MANOEL PARA OS JOVENS

Menino do mato representará uma vivência específica no âmbito do Novo Ensino Médio, anunciado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), visto que uma das habilidades apresentadas no eixo da linguagem para atender a necessidades e expectativas dos estudantes é:

(EMIFLGG04) Reconhecer produtos e/ou processos criativos por meio de fruição, vivências e reflexão crítica sobre obras ou eventos de diferentes práticas artísticas, culturais e/ou corporais, ampliando o repertório/domínio pessoal sobre o funcionamento e os recursos da(s) língua(s) ou da(s) linguagem(ns).

Ninguém mais expressivo para essa exploração didática e oportuna fruição literária que Manoel de Barros e seu atrevido e surpreendente reino de palavras.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES I: ESTE LIVRO E AS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Para trabalhar a leitura e a fruição da obra *Menino do mato*, lembremos inicialmente que há uma relação de dependência estabelecida entre a obra e o leitor, afinal, como diz o crítico Vincent Jouve, o leitor é quem faz a obra existir.

> É durante os anos 1970 que os profissionais da análise de texto começam a estudar a leitura. A obra literária que, até então, era entendida na sua relação com uma época, uma vida, um inconsciente ou uma escrita é repentinamente considerada em relação àquele que, em última instância, lhe fornece sua existência: o leitor. (2002, p. 11)

Em seguida, Jouve destaca a necessidade de analisar a relação mútua entre obra e leitor. Assim, faz estas considerações: "Recebido fora de seu contexto de origem, o livro se abre para uma pluralidade de interpretações: cada leitor novo traz consigo sua experiência, sua cultura e os valores de sua época" (p. 24). E acrescenta: "Se, como mostramos, não se pode reduzir a obra a uma única interpretação, existem, entretanto, critérios de validação. O texto permite, com certeza, várias leituras, mas não autoriza qualquer leitura" (p. 25).

É dessa forma que consideraremos a leitura de *Menino do mato* como mais uma experiência dos estudantes para desenvolverem a competência leitora e vivenciarem a construção de sentido, referenciados pelo que o autor construiu.

A modalidade de leitura compartilhada, que contribui para desenvolver essa experiência leitora, será importante para trabalhar o livro ao longo da proposta.

> As leituras compartilhadas destacam-se como situações favoráveis à reflexão e à discussão sobre o lido. São momentos dedicados à apreciação, à troca de impressões e opiniões e ainda de análise dos elementos literários [...]. Para que ampliem suas possibilidades de compreensão e apreciação é fundamental que contem com a mediação do professor, que tem a função de favorecer e instigar a observação de aspectos da obra que passariam despercebidos e que se colocam como necessários para a atribuição de sentidos e de significados. (LUIZE, 2011)

Essas concepções se coadunam com habilidades documentadas na BNCC do Novo Ensino Médio, entre elas:

(EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Nos momentos de troca de ideias sobre o que foi lido de forma compartilhada, seria interessante o professor destacar as construções expressivas do poeta, tão desafiadoras e tão adequadas à ampliação do conhecimento literário no Novo Ensino Médio, considerando a ideia de que, "em todo caso, a literatura, como qualquer esporte ou como qualquer disciplina do conhecimento, requer treino, aprendizagens, iniciações, concentração" (MARTÍNEZ, 2001).

É dessa concentração, com foco na tessitura do texto, que também resulta o prazer estético e a valorização da obra e do autor. Concentrando-se na arte de Manoel de Barros, há a possibilidade de o estudante desenvolver também comportamentos de leitor — os quais acontecem quando ele está sozinho ou no coletivo, ao mostrar seus valores em relação aos livros, à leitura e ao ato de ler, como interessar-se por comentários de outros leitores e reler trechos de que mais gostou. É isso que esperamos que aconteça.

Esta proposta para trabalhar o livro *Menino do mato* está organizada em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. O *antes* considera a recepção inicial da obra, as primeiras impressões afetivas dos estudantes; o *durante* unirá às respostas sensíveis do leitor a análise da expressão artística do poeta, ou seja, "como" o discurso poético foi construído, os recursos expressivos usados pelo autor. O *depois* buscará outras respostas à leitura, com ampliação do repertório dos estudantes sobre o autor e com provocações para a criação artística, motivadas pela proximidade constituída com o poema e o poeta.

PRÉ-LEITURA

Este é o momento de apresentar *Menino do mato* aos estudantes, será o primeiro contato deles com a obra. Uma forma de convidá-los para esse percurso é o professor contar sua experiência leitora com o livro, falando como a conheceu ou trazendo alguma curiosidade relacionada à sua formação de leitor, colocando-se como alguém que deseja compartilhar um caminho de leitura.

O TÍTULO

Ativar o primeiro contato com *Menino do mato* pelo título (mesmo que os jovens já tenham folheado ou lido partes do livro) é uma forma de antecipar a discussão sobre a temática da obra, a ser reconhecida durante e após a leitura. Levantar hipóteses sobre o que será lido é também um comportamento leitor alimentado em situações como essa. O que o título pode anunciar ao leitor? Esse menino será um personagem ou será o eu lírico? As antecipações favorecem expectativas e delas decorre uma leitura mais interessada e, portanto, mais ativa.

Quando sugerimos a leitura compartilhada, consideramos o professor atuando como quem pergunta, instiga e chama a atenção sobre aspectos da obra, acionando emoções e opiniões dos estudantes. O que os poemas mostrarão sobre esse menino?

Mas o título, além de "menino" traz a expressão "do mato". O que é ser "menino do mato"? Para avivar o sentido do título, pode-se pensar em "menino da cidade". E sobre "menino de rua", o que eles pensam? São formas de antecipar diálogos que poderão decorrer do literário e adentrar em experiências de vida relacionadas à infância e à natureza.

Da conversa sobre o título do livro podem surgir informações que revelem a cultura leitora dos estudantes. Quais outros livros leram (ou de que ouviram falar) com protagonistas meninos? E com protagonistas masculinos presentes no título? José Lins do Rego publicou *Menino do engenho* em 1932. Há *Os meninos da rua Paulo* (Ferenc Molnár, lançado em 1907), os meninos de *Capitães da areia* (Jorge Amado, em 1937), *O menino do dedo verde* (Maurice Druon, lançado em 1957). Há personagens famosos da literatura, como o menino Miguilim, da obra *Manoelzão e Miguilim*, de João Guimarães Rosa. Talvez os estudantes citem outros e até cheguem a experiências de leitura na infância, com *Marcelo, marmelo, martelo*, de Ruth Rocha (publicado pela primeira vez em 1976).

LEITURA INDIVIDUAL INICIAL: EXPLORANDO A MATERIALIDADE DA OBRA

Uma forma inaugural de anteceder a leitura é deixar que os estudantes folheiem o livro à vontade, sabendo que depois passarão a expor suas primeiras impressões. E todas são relevantes: sobre a estrutura do livro, referências à autoria, impressões a respeito de capa, edição e publicação, observações sobre o sumário, trechos que tenham chamado a atenção. Eles podem, num primeiro

momento, trocar impressões com os colegas do lado e depois socializar essas impressões.

Vamos destacar uma concepção importante sobre a aproximação dos jovens com uma leitura específica no contexto escolar:

> Se consideramos que o texto literário é por excelência polissêmico, permitindo sempre mais de uma interpretação, e se admitimos que cada leitor reage diferentemente em face de um mesmo texto, pensamos que o passo inicial de uma leitura literária seja a leitura individual, silenciosa, concentrada e reflexiva. Esse momento solitário de contato quase corporal entre o leitor e a obra é imprescindível, porque a sensibilidade é a via mais eficaz de aproximação do texto. [...] Entendemos, pois, que a atividade coletiva da leitura literária dá-se num segundo momento, sendo indispensável passar pela leitura individual. (BRASIL, 2006, v. 1, p. 60)

Assim, após a aproximação inicial com o livro, a partir da exploração do título, os estudantes passarão à leitura individual integral da primeira parte, "Menino do mato", que poderá ser realizada na escola ou em casa. Um bom jeito de ler é fazer anotações laterais sobre o que chamar a atenção e grifar a lápis versos que tenham se destacado na leitura. Caso o livro permaneça na escola, para estudantes dos anos seguintes utilizarem, as anotações poderão ser feitas nos cadernos. Em seguida, chegaremos à leitura compartilhada, sobre a qual falamos antes e que é fundamental nesta proposta.

LEITURA

POEMA "MENINO DO MATO"

A leitura integral e silenciosa de "Menino do mato" (p. 11-26) apresentará aos leitores a totalidade de um universo ficcional à espera de ganhar significado. Sugere-se que depois realizem nova leitura integral, em sala de aula, agora feita pelo professor em voz alta, fracionada em vários dias, com os estudantes acompanhando a atividade com o livro em mãos. É de esperar que enquanto ouvem façam alguns comentários, como é característico do comportamento de leitor, que costuma revelar surpresa pelo inusitado, destacar uma expressão que tenha apreciado, algum estranhamento, ou seja, estabelecer alguma relação com o que foi lido.

Deixaremos para um segundo momento a leitura do "Caderno de aprendiz", visto que a discussão da primeira parte oferecerá suporte para a fruição da

segunda e para a compreensão da obra em sua totalidade. Aliás, antes da leitura de "Menino do mato", o professor pode fazer a pergunta aos estudantes: por que o livro está organizado em duas partes? E ainda: qual será a relação entre cada epígrafe e seu poema — e como os títulos se justificam?

Após a leitura completa de "Menino do mato", a primeira abordagem será estimular que os estudantes exponham suas primeiras impressões, façam comentários espontâneos, além de conferir se o poema agradou ou não e quais seriam as razões. Vale fazer perguntas como: será que essas primeiras impressões podem mudar após outras leituras? O poema fez lembrar da própria infância? Trouxe lembranças de experiências com a natureza? Que emoção provocou? O que pensam da linguagem do poeta? Houve palavras, trechos ou versos que provocaram estranhamento?

CONCEITOS E CONTEÚDOS DE APROXIMAÇÃO

A leitura integral do poema "Menino do mato", que dá nome ao livro, permitirá introduzir aos estudantes uma conversa mais técnica sobre o gênero poema, propondo, por exemplo, questões como: o que é poema? O que é poesia? Quem gosta de ler poemas? Quais poetas eles conhecem? Alguém consegue dizer alguns versos de cor ou um poema completo? Conheciam Manoel de Barros?

Apresentar alguns dados biográficos do autor ajuda a construir uma imagem da pessoa e do escritor e criar proximidade (essas informações estão na "Apresentação" do livro e também na "Cronologia"). É interessante localizar o autor no momento histórico (do Brasil e do mundo) e em relação à cronologia de suas obras. Saber que seu primeiro livro foi publicado pouco antes da Segunda Guerra Mundial, em 1937, e o último em 2011, próximo de sua morte, é curioso e admirável. Informações desse tipo fortalecem os primeiros laços entre autor e leitor. Pode-se buscar uma foto do poeta no computador — ou solicitar que os próprios estudantes façam a pesquisa em seus celulares.

O EU LÍRICO E OS PERSONAGENS DO POEMA

Reconhecer o eu lírico nas duas partes do livro (mas por enquanto na primeira parte, apenas) é uma das chaves para apreender o estilo do poeta, no que se refere também à inter-relação entre autor e eu lírico. Manoel de Barros, em sua aguda simbiose com a natureza, nos apresenta um eu lírico em estreita relação com a palavra — como ocorre com o próprio autor.

Sugerimos observar o eu lírico nas repetidas leituras e identificar as personagens, com atenção à figura de Bernardo. Durante todo o livro, declara-se poeticamente que Bernardo era filho do abandono, dizia poeticidades tal qual uma criança e que, por isso, na sua singeleza, é visto em alto grau de admiração pelo eu lírico ("E uma árvore progredia em ser Bernardo", p. 19). Críticos analisam Bernardo como alter ego do poeta, um eu tão naturalmente poético, um andejo, como Manoel de Barros desejava ser.

RECURSOS EXPRESSIVOS, TEMÁTICA E ESTILO

Recursos expressivos, temática e estilo apresentam uma estreita relação. Comecemos pelo primeiro. A releitura do primeiro verso de "Menino do mato" é uma opção produtiva para iniciar a identificação dos motivadores do discurso do poema e a discussão sobre recursos expressivos: "Eu queria usar palavras de ave para escrever" (p. 13). É um convite para reconhecer o eu lírico e aprofundar-se no reino da perturbação pela palavra, como identifica Marcela Carranza (2017, p. 154): "Na literatura, a linguagem perturba a normalidade do discurso. Anomalia, monstruosidade, coisa estranha, fora de lugar. Insurreição da linguagem contra si mesma".

Dada a complexidade da obra de Manoel de Barros, vestida de simplicidade aparente, essa é uma etapa desafiadora e significativa aos estudantes do Novo Ensino Médio. Vejamos o que diz a teórica Teresa Colomer:

> Os livros a serem compartilhados devem ser aqueles que ofereçam alguma dificuldade ao leitor para que valha a pena investir neles o escasso tempo escolar. Se não há um significado que requeira um esforço de construção, não se pode negociar o sentido; se a estrutura é sempre convencional, não se aprende a estar atento para antecipar ou notar as elipses; ou se não há ambiguidades interessantes, não há por que buscar indícios, reler passagens e discutir as possíveis interpretações. (2007, p. 149)

Se na pré-leitura o objetivo foi provocar no jovem o desejo de "entrar no jogo" da leitura, agora será necessário avançar e retroceder no texto, lendo e relendo para conferir, analisar, compreender melhor "as regras" do jogo na composição do texto e assim estreitar a relação sensível com ele.

A título de exemplo, vamos expor uma possível abordagem relacionada a "recurso expressivo", a qual poderá ser reproduzida na leitura de outros versos ou trechos do poema, quando o professor julgar adequado.

Sabemos que os recursos expressivos provocam estranhamento. Retomemos o primeiro verso "Eu queria usar palavras de ave para escrever" (p. 13). Convidar os estudantes a identificar a construção gramatical da expressão "palavras de ave" redimensionará seu sentido. E será relevante tanto para compreender Manoel de Barros como autor que "subverte a língua", que "escreve fora da norma", como para atingir a compreensão genérica sobre recursos expressivos como marca da linguagem literária.

Na troca de informações para destrinchar a construção linguística, pode-se realizar um caminho que conduz a percepções mais profundas. Na expressão "palavras de ave", "palavras" é qualificada pela locução adjetiva "de ave". Sabemos que muitas vezes é possível substituir a locução por um adjetivo (por exemplo, "jeito *de criança*", "jeito *infantil*"). Não havendo um adjetivo correspondente para a locução "de ave", envereda-se para a subjetividade. Poderia ser interpretado como "palavras aladas"? E como seriam elas? Livres? Como ficaria então o verso do poema? Talvez assim: "Eu queria usar palavras livres para escrever", "Eu queria ser livre para escrever", "Eu queria escrever em liberdade"?

É oportuno citar a autora Angela Kleiman para um diálogo:

> Podemos ensinar a compreensão? Podemos ensinar um processo cognitivo? Evidentemente não. O papel do professor nesse contexto é criar oportunidades que permitam o desenvolvimento desse processo cognitivo, sendo que essas oportunidades poderão ser melhor criadas na medida em que o processo seja melhor conhecido: um conhecimento dos aspectos envolvidos na compreensão e das diversas estratégias que compõem os processos. (2002, p. 11)

Que sensação é provocada pela leitura do verso original de Manoel de Barros e depois pela leitura do trecho com a substituição? É uma conversa instigante e fundamental com os estudantes, visto que se trata da linguagem literária e das "substituições" ou "traduções", que de longe serão mais expressivas que o original.

O documentário *Só dez por cento é mentira* realiza uma imersão poética na vida e obra de Manoel de Barros. Conta com depoimentos de familiares, jornalistas e atores, com abordagens que

elucidam muito sobre o poeta, que também expõe seus sentimentos e suas ideias sobre o fazer poético.

O filme é um mergulho cinematográfico na biografia inventada e nos versos do escritor. Alterna entrevistas inéditas do escritor, alguns de seus versos e depoimentos de leitores que admiram sua literatura.

Direção e roteiro: Pedro Cezar. Brasil, 2009, 75 min. Sem classificação indicativa.
Informações sobre o filme em: **www.sodez.com.br**. Acesso em: 28 out. 2020.

E aqui se apresenta a questão sobre apreciar e também estudar literatura na escola. No documentário *Só dez por cento é mentira*, a filósofa Viviane Mosé observa, com base num verso do poeta, "É preciso *trasnver* o mundo": "É uma frase que não dá vontade de comentar. Isso é realmente um poema, é uma frase que te cala". E Manoel de Barros avalia: "Poesia não gosta de ser explicada, poesia que é explicada deixa de ser poesia para mim. Começa a ser prosa, começa a ser influenciada pela razão"; "Poesia se dirige à sensibilidade, à percepção sensível que o ser tem, que o meu leitor possa ter".

Acreditamos que a compreensão do fenômeno da escrita artística colabora para a fruição, por isso vamos trazer outra fala de Manoel de Barros no mesmo documentário: "Poesia não é fenômeno de paisagem, poesia é fenômeno de linguagem". O caminho que propomos, então, é nos equilibrar nessas instâncias — dando atenção às impressões, às sensações do leitor, e também ao "fenômeno da linguagem", que é justamente o que possibilita tais sensações.

Por isso, em discussões como essa que foi proposta, sobre "palavras de ave", vale a pergunta aos jovens: qual forma lhes parece mais poética? Que efeito produz tal construção poética? Por que usar uma locução adjetiva em vez de apenas um adjetivo? Ao compartilhar impressões e interpretações, depois os estudantes ficarão mais atentos a expressões similares que lhes chamem a atenção — ou que o professor considere essencial focalizar.

Vejamos o que diz Teresa Colomer sobre a busca de sentido no texto e sobre o uso de termos técnicos em discussão coletiva:

> Vale tudo na busca do sentido, já que sabemos de sobra que a discussão em grupo favorece a compreensão. [...] Serve para usar a metalinguagem aprendida ("personagem", "metáfora", "trama" etc.) quando tem sentido fazê-lo, ou seja, quando se fala sobre as obras lidas e alguém se esforça para dar sua opinião com clareza. (2007, p. 149)

As discussões sobre recursos expressivos possibilitarão revisitar com os estudantes as clássicas figuras de linguagem. No rol de expressividade do poema, eles encontrarão outras subversões gramaticais de Manoel de Barros, como: ausência do sinal gráfico da pontuação, alteração do papel das palavras na estrutura gramatical da frase, neologismos, presença de palavras pouco usuais, expressões coloquiais.

O grande sentido está em reconhecer como tais recursos reverberam no leitor — o que provocam e evocam — e analisá-los tanto fora do texto como no contexto — que é onde de fato significam.

Além da ideia de que os recursos expressivos favorecem a compreensão do estilo do poeta, será preciso que os estudantes se dediquem à temática da obra, que também se relaciona com o estilo. Tais explorações se conectam com o que a BNCC aponta como objetivos no desenvolvimento de habilidades como:

> **(EM13LP49)** Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas, a manifestação livre e subjetiva do eu lírico diante do mundo nos poemas, a múltipla perspectiva da vida humana e social dos romances, a dimensão política e social de textos da literatura marginal e da periferia etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

Uma atividade envolvente é organizar os estudantes em duplas, formando duas turmas: uma parte buscará no poema os assuntos de que trata o poeta; outra buscará o repertório lexical ou o campo semântico predominante, constituído pelas palavras mais frequentes. Lendo de forma silenciosa, marcarão à parte, no caderno, as estrofes e/ou versos e páginas, para facilitar o compartilhamento. Sabemos, de antemão, que explodem no poema: meninos (seus pensamentos e fazeres), elementos da natureza (seres vivos e não vivos) e a palavra/a linguagem — além de personagens ali presentes. Terminado o tempo destinado a isso, os estudantes ditarão ao professor o que foi anotado, para que se registre em colunas o que for citado. Uma discussão sobre cada conjunto pode sistematizar esse conteúdo.

Agora vamos ler trechos da obra *O demônio da teoria* sobre estilo:

> O estilo implica uma escolha entre diferentes maneiras de dizer a mesma coisa. [...]
>
> O estilo é um conjunto de traços característicos de uma obra que permite que se identifique e se reconheça (mais intuitivamente do que analiticamente) o autor. (COMPAGNON, 2010, p. 185 e 191)

Dessa forma, imaginamos que os estudantes possam compreender o estilo de Manoel de Barros analisando o poema com a formalidade necessária, mas apreendendo-o de forma intuitiva: embebidos pela poética.

A SEGUNDA PARTE: "CADERNO DE APRENDIZ"

A segunda parte da obra, "Caderno de aprendiz", pode ser lida de forma comparativa, tomando a parte anterior como referência, a partir de intervenções como: neste poema mantém-se o mesmo sujeito lírico? As estrofes de ambas as partes se organizam de forma similar? E quanto à temática? As estrofes de "Menino do mato" são numeradas por algarismos romanos e as de "Caderno de aprendiz" por arábicos. Qual a similaridade entre os primeiros versos de cada parte? Os desejos do eu lírico se realizam? E seria interessante instigar os estudantes: que relação existe entre esses versos e o fazer poético do autor? Qual a relação entre cada poema e sua epígrafe — na primeira parte, um trecho do filósofo dinamarquês Sören Kierkegaard (1813-55); na segunda, versos do poeta brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954)?

É interessante que as indagações sejam apresentadas aos estudantes antes da leitura dessa segunda parte, de forma provocativa, para motivar a troca de ideias, e não como um questionário em busca de respostas corretas. A leitura de "Caderno de aprendiz" poderá ser realizada tanto em sala de aula como em casa. Pode-se, ainda, perguntar aos estudantes se algum verso chamou mais a atenção e se gostariam de compartilhá-lo, lendo-o em voz alta para o grupo.

PÓS-LEITURA

UMA CANÇÃO

Reproduzir para os estudantes, na sala de aula, a canção "Menino do Rio" (1979), lançada em 1979, de autoria de Caetano Veloso. Essa música oferece

uma possibilidade de perceberem como o lugar onde se vive determina e influencia as ações, os hábitos e a linguagem.

UMA SESSÃO DE VÍDEO

Após a leitura, é interessante propor um momento elucidativo e inspirador sobre o poeta, exibindo uma entrevista dele ao programa *Gente de Expressão*, apresentado por Bruna Lombardi (disponível em: **www.youtube.com/watch?v=D7Cggy85LY4**, acesso em: 28 out. 2020).

Fará todo sentido saber, por meio da entrevista, sobre a época em que o poeta deixou o Rio de Janeiro e foi para o Pantanal cuidar da fazenda herdada (ali viveu, como disse, "dez anos de vácuo" na escrita); conhecer seu processo de criação — o árduo trabalho com a palavra, a dificuldade de fazer o simples; ouvir que para ele a escrita é como uma "tara"; conhecer sua concepção sobre poeta e poesia; saber de sua descoberta tardia pelo público leitor; encantar-se com o Pantanal da sua infância. E viver um momento singular quando Manoel lê um de seus poemas de forte musicalidade ou quando se emociona ao ouvir a apresentadora lendo um poema dele. Considerando a atenção necessária e o sentido maior dessa sessão de vídeo para o trabalho com o livro, será importante anunciar aos estudantes alguns dos conteúdos que a entrevista apresenta — como estamos fazendo agora. Depois do vídeo, o professor pode lhes apresentar os poemas lidos ("Poema da lesma", de *Retrato do artista quando coisa,* e "A voz de meu pai", de *Poesias*).

LEITURA EM VOZ ALTA E DECLAMAÇÃO COMO SITUAÇÃO FORMAL

Os jovens podem se interessar por uma atividade do gênero oral, como leitura em voz alta dos poemas do livro, que desta vez pode ser de forma especial, ensaiada, destinada inclusive a um público mais amplo. Ou talvez prefiram a declamação — quando se diz o poema de cor. Pode ser inspirador ouvir Antonio Abujamra (premiado diretor de teatro, ator e apresentador brasileiro, falecido em 2015) declamar "Difícil fotografar o silêncio", de Manoel de Barros: **www.youtube.com/watch?v=O7CzKtt7mrU** (acesso em: 28 out. 2020).

Se houver engajamento dos estudantes, a apresentação pode ser feita em outras salas ou fazer parte de um momento cultural coletivo, incluindo familiares. Podem-se explorar uma trilha sonora e iluminação especial para compor esse momento. Outra possibilidade é gravar o evento e compartilhar o vídeo.

Seria interessante os estudantes incluírem uma breve apresentação do poeta e recolher depoimentos deles próprios como leitores de Manoel de Barros.

O EXERCÍCIO DA PALAVRA PELOS ESTUDANTES: FOTOGRAFAR E ESCREVER

E por que não propor escritas e registros poéticos aos jovens?

A proposta é realizar um trabalho de campo (podem ser saídas pessoais ou em grupo) em parques, praças, locais no entorno da escola ou da casa dos estudantes a fim de encontrar miudezas na natureza e fotografá-las. Caso prefiram, outra opção é fotografar paisagens. Orientar o grupo a levar um caderninho de notas para o registro das percepções poéticas da natureza captada nas fotos. Depois, eles poderão selecioná-las e editá-las para incluir as escritas poéticas junto com as fotos, feito legendas. No fim, propor que organizem uma exposição física na escola ou uma apresentação audiovisual que pode ser compartilhada na internet.

Para aquecer o olhar sensível dos estudantes, a sugestão é que o professor registre e mostre (ou distribua entre eles) alguns versos de *Menino do mato*, exemplificando a proposta de escrita:

Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra! (p. 13)

Eu hoje vi um/ sapo com olhar de árvore (p. 14)

E se eu fosse um caracol, uma árvore, uma pedra?/ E se eu fosse? (p. 20)

Quase todos os caracóis eram viúvos de suas lesmas (p. 22)

Pedrinhas, flores, abelhas, caracóis, borboletas, um galhinho seco de planta, cacos de vidro, um palito de fósforo que foi chama e agora se veste de terra podem se colocar diante dos olhos dos jovens. O que mais poderá ser descoberto, ao redor da escola, sob pedras, folhas, no jardim de suas casas, ou mesmo nos vasos de plantas? Que memórias afetivas esses elementos podem trazer? O que o olhar para um risco de terra pode nos dizer?

A fotografia pode revelar a quem clica o seu próprio eu em sintonia com o que é observado. Os celulares que acompanham a grande maioria dos jovens oferecem, portanto, uma oportunidade de comunicar de um jeito diferente, um jeito em que arte e natureza se alinham.

Em "Cadernos de aprendiz", o poeta observa que a poesia muda o jeito de ver a natureza (p. 51): "Eu vi um lírio vegetado em caracol!/ Isso não muda a feição da natureza?". Com o trabalho de campo, será a vez de os jovens experimentarem esse novo olhar.

Para promover intertextualidade com outros poemas do próprio Manoel de Barros, vejamos versos também inspiradores na obra *O livro sobre nada* (2016):

As violetas me imensam (p. 35)

Era um prego sozinho e indiscutível (p. 44)

Caminho por beiras de rios conchosos (p. 60)

VÍDEOS-MINUTO

Outra possibilidade de expressão é produzir vídeos-minuto sobre Manoel de Barros ou sobre sua poesia, destacando a natureza, a palavra ou o próprio poeta. Os jovens podem se inspirar em Bianca Ramoneda, jornalista que se dedica também à arte cênica, autora do vídeo-minuto *Primeira impressão*, em que ela comenta como foi seduzida pelo lado humorístico do poeta: **www.youtube.com/watch?v=K3Ctq4H35B4&feature=emb_logo** (acesso em: 28 out. 2020).

São propostas que a BNCC também evidencia:

> **(EM13LP17)** Elaborar roteiros para a produção de vídeos variados (vlog, videoclipe, videominuto, documentário etc.), apresentações teatrais, narrativas multimídia e transmídia, podcasts, playlists comentadas etc., para ampliar as possibilidades de produção de sentidos e engajar-se em práticas autorais e coletivas.

Em paralelo às atividades de Língua Portuguesa, propostas em outras áreas do conhecimento podem articular ficção e realidade de maneira enriquecedora.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II: ESTE LIVRO E AS OUTRAS ÁREAS DO CONHECIMENTO

PRÉ-LEITURA

A LOCALIZAÇÃO DO PANTANAL NAS TERRAS BRASILEIRAS E ALÉM-FRONTEIRAS

Nas propostas de atividades de Língua Portuguesa, uma das possibilidades de os estudantes acessarem a obra *Menino do mato* antes da leitura foi manusear o volume livremente. Pela "Cronologia" (p. 101-10), souberam que o ambiente natural de uma fazenda no Pantanal mato-grossense foi pano de fundo e essência na obra do poeta, oferecendo aos leitores um mergulho na natureza, pela óptica de um eu lírico.

Mas será que, fora dessa criação poética, todos os estudantes conhecem como é o Pantanal mato-grossense — para além das informações turísticas sobre fauna e flora, de fotos, notícias e programas televisivos específicos? Conhecem esse bioma, o que ele representa para o Brasil e como está categorizado no contexto mundial? Trata-se de uma ótima oportunidade para uma ação pedagógica interdisciplinar, **com a colaboração de profissionais da área das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, das Ciências Naturais e suas Tecnologias e da Área de Linguagens e suas Tecnologias**, para pesquisar e ampliar conhecimentos gerais e específicos sobre a região pantaneira, sensibilizando o olhar para a natureza e construindo aportes para ler e se expressar sobre essa realidade de forma poética e crítica.

Enquanto os estudantes iniciam a leitura, aclimatando-se no ambiente do eu lírico, o professor de **Geografia** pode realizar uma aula expositiva com o apoio de mapas temáticos de tipos variados, que esclareçam sobre o Pantanal — mapas físicos ou virtuais.

Para fortalecer essa interação que se inicia, o professor pode pedir aos estudantes que lhe apresentem a obra *Menino do mato* (que começaram a ler ou talvez estejam lendo), para que exponham o que sabem, o que imaginam sobre o Pantanal, e também para que digam o que desejam conhecer melhor. Fazer antecipações e ter objetivos para pesquisar é sempre produtivo, não apenas quando se lê literatura, mas também (ou principalmente) quando se estuda.

Seria interessante levar aos estudantes um mapa político da América do Sul para mostrar os estados em que o Pantanal está localizado, observando-se também os países fronteiriços para onde ele se estende. Um mapa físico, que

indique aspectos como relevo, altitude e hidrografia, os ajudará a identificar a extensa planície que compõe o Pantanal além-fronteira do Brasil. E aqui fica a pergunta: qual a relação entre o Mar de Xaraiés, citado na página 22, e o Pantanal?

O mapa da vegetação mostrará a cobertura vegetal nas diferentes áreas — e que sofre alterações no Pantanal, devido ao ciclo das águas. São informações que oferecem um panorama esclarecedor sobre esse ambiente. O professor pode tomar os termos indicadores de aspectos geográficos dos poemas e usá-los como referência para o estudo. Será uma forma de, esclarecendo sobre a realidade, redimensionar a leitura dos estudantes, que se sentirão compartilhando referências que inspiraram a criação poética. Os versos "Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem/ nomeação" (p. 13), por exemplo, são referência para se nomear geograficamente e para conhecer a dimensão do Pantanal.

Com um mapa demográfico do Brasil, pode-se apontar a densidade populacional do Pantanal, que se alterou desde a infância de Manoel de Barros, mas que ainda é baixa em relação a outras regiões do país (ou dos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). O livro traz versos que indicam uma vivência de menino em um pequeno núcleo familiar, além do personagem Bernardo (em várias páginas, a partir da p. 14) e um índio terena (na p. 99) — uma forma de conectar poema e realidade. Sobre Bernardo, conta-se que ele morava "em seu casebre na beira do rio" e daí pode surgir uma pesquisa: onde residem os pantaneiros de hoje? Como são suas moradias, quais regiões do Pantanal eles ocupam? Qual sua ocupação? São itinerantes ou se estabilizam nos locais? De quais povos descendem os pantaneiros?

No documentário *Só dez por cento é mentira* (já citado nas páginas 18 e 19), Manoel de Barros diz:

> Onde fui criado não existia nada [...]. Então aquele nucleozinho onde a gente vivia, só tinha mentiroso, porque precisava viver, contar coisas, inventar coisas... Era um negócio que me tocou muito na infância. [...] A comunidade lá, de sete, oito pessoas, não tinha assunto, não tinha rádio, não tinha televisão, não tinha coisa nenhuma, não tinha nem vizinho pra trocar conversa com vizinho. Você tinha de conversar com o pato, com a galinha, coisa parecida. (18min38 a 19min47)

No poema, por sua vez, Manoel de Barros escreve:

> *O lugar onde a gente morava quase só tinha bicho*
> *solidão e árvores* (p. 21)

Isso não seria de expulsar o tédio? (p. 20)

Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava. (p. 21)

São trechos que dialogam muito e podem ser comentados. Será que os pantaneiros vaquejam ainda? E o que define um "bugre", palavra como o eu lírico se denomina?

Porque sou de bugre./ Porque sou de brejo. (p. 25)

Por meio de outra abordagem, usando um mapa de transportes, o professor pode mostrar as estradas que dão acesso à região pantaneira, onde asfalto vira terra e as pontes de madeira se intensificam. Esses mapas exibem rodovias e ferrovias — e mostram os rios navegáveis. O vídeo *Estrada Parque — Pantanal sul-mato-grossense — Corumbá/MS* (*p. 35 deste material*) pode ser exibido nesse momento.

Por meio dos mapas climático e pluviométrico, chega-se a uma identidade determinante do bioma Pantanal: o ciclo das chuvas, que estabelece a subida e a vazão das águas e assim muda o cenário da fauna e da flora. É um universo variado de possibilidades de estudo e de interlocução: "Porque as águas deste lugar ainda são espraiadas para/ alegria das garças" (p. 25).

Esse estudo inicial sobre a localização do Pantanal pode ser uma oportunidade de tornar precisos conceitos como território, ambiente, lugar, espaço, paisagem — um e outro termo muitas vezes empregados no cotidiano como sinônimos. É conteúdo para ir além da terminologia, alçar de vez os jovens para abordagens científicas que extrapolem decorar nomes e saber curiosidades e que possibilitem refletir sobre as inter-relações entre homem e ambiente. Aos professores, fica o papel não apenas de levar informação aos estudantes, mas de orientá-los na busca por mais informações.

É importante destacar que essa dinâmica de trabalho interdisciplinar e a intertextualidade entre poema, textos não ficcionais e vídeos fortalecem nos jovens a compreensão de como as áreas de conhecimento se inter-relacionam e se complementam. E dessa forma eles estarão vivenciando ações didáticas e decisões pedagógicas que dialogam com o que vem exposto no documento da BNCC, no trecho de abertura da Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

> No Ensino Fundamental, a BNCC se concentra nos processos de tomada de consciência do Eu, do Outro e do Nós, das diferenças em relação ao Outro e das diversas formas de organização da família e da sociedade em diferentes espaços e épocas históricas. Para tanto, prevê que os estudantes explo-

rem conhecimentos próprios da Geografia e da História: temporalidade, espacialidade, ambiente e diversidade (de raça, religião, tradições étnicas etc.), modos de organização da sociedade e relações de produção, trabalho e poder, sem deixar de lado o processo de transformação de cada indivíduo, da escola, da comunidade e do mundo.

A exploração dessas questões sob uma perspectiva mais complexa torna-se possível no Ensino Médio dada a maior capacidade cognitiva dos jovens, que lhes permite ampliar seu repertório conceitual e sua capacidade de articular informações e conhecimentos. O desenvolvimento das capacidades de observação, memória e abstração permite percepções mais acuradas da realidade e raciocínios mais complexos — com base em um número maior de variáveis —, além de um domínio maior sobre diferentes linguagens, o que favorece os processos de simbolização e de abstração. (BRASIL, 2018, p. 561)

O BIOMA PANTANAL ALÉM DA REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA

Para esse aporte de conhecimento que se vai construindo, pode-se colocar em pauta e decidir, com os estudantes, a importância do registro das pesquisas, seus objetivos e formas de registro, considerando que poderão ser compartilhadas com um público. Definir um objetivo ajudará na tomada de decisões sobre os suportes para esse registro. Seja essa produção para os próprios estudantes, seja destinada a um público, temos duas sugestões: criação de painel (ou painéis) e produção de maquete representativa do bioma Pantanal.

LEITURA

Imaginamos que nem sempre haverá uma rígida linha temporal definida para correlacionar as etapas de leitura do poema e da pesquisa nas demais áreas. O objetivo é que, ao parear literatura e não ficção, seja realizada uma interação entre áreas que se alimentem mutuamente. Aqui, não se trata de apenas estudar aspectos geográficos e a flora e a fauna citadas nos poemas, mas de compreender a região pantaneira como ecossistema — o que inclui reconhecer fenômenos naturais e determinados eventos que possam ocorrer advindos de ações humanas, como poluição, desmatamento e queimadas.

Além dos mapas, podem-se apresentar informações iniciais sobre o Pantanal, e uma sugestão é o texto "Pantanal": **https://brasilescola.uol.com.br/brasil/o-**

pantanal.htm (acesso em: 4 out. 2020). Seria interessante expor dados concisos sobre localização, solo, clima, relevo, hidrografia, fauna, aspectos econômicos, impactos ambientais, se possível com links que aprofundem alguns assuntos.

OS SUPORTES PARA A COMUNICAÇÃO DOS CONHECIMENTOS CONSTRUÍDOS

Os mapas existentes na escola ou que tenham sido impressos no momento da pesquisa, e sobre os quais viemos discorrendo, podem ser organizados em painéis, para visualização e inserção gradual de informações por meio de textos e imagens que organizem os dados para o entendimento do conteúdo (para o público, se houver).

Ao fazer na internet uma busca de imagens usando as palavras *mapa* e *Pantanal*, aparecem vários mapas, de características diversas, que podem ser escolhidos para serem impressos e iniciar a construção do painel.

São propostas de ações coincidentes com o que aponta a BNCC, considerando princípios e objetivos presentes na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:

> É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas. (BRASIL, 2018, p. 562)

Os painéis estruturados pelos estudantes podem funcionar a princípio como um "rascunho", principalmente se houver função comunicativa. Antes de serem apresentados a um público, demandarão uma produção caprichada, com textos passados a limpo e as imagens reconstruídas, se necessário. As referências das pesquisas e a autoria dos textos usados como base pelos estudantes merecem atenção, evitando assim que depois sejam descartados textos interessantes por falta de identificação. Desde o início da pesquisa, portanto, vale ressaltar a importância de anotar de onde foram extraídas as informações, atentando para o tipo de site ou de material pesquisado (se é de fonte confiável ou não). Até o final do trabalho é importante considerar essa avaliação das fontes para validação do conteúdo.

Sem dúvida, os recursos tecnológicos serão importantes ferramentas para acessar textos e imagens, por serem bastante apropriados e elucidativos em

situação de estudo e de comunicação. É nessa linha que a BNCC ancora objetivos no campo das tecnologias digitais e da comunicação:

> [...] Certamente, grande parte das futuras profissões envolverá, direta ou indiretamente, computação e tecnologias digitais. A preocupação com os impactos dessas transformações na sociedade está expressa na BNCC e se explicita já nas competências gerais para a Educação Básica. Diferentes dimensões que caracterizam a computação e as tecnologias digitais são tematizadas, tanto no que diz respeito a conhecimentos e habilidades quanto a atitudes e valores: [...] mundo digital: envolve as aprendizagens relativas às formas de processar, transmitir e distribuir a informação de maneira segura e confiável em diferentes artefatos digitais — tanto físicos (computadores, celulares, tablets etc.) como virtuais (internet, redes sociais e nuvens de dados, entre outros) —, compreendendo a importância contemporânea de codificar, armazenar e proteger a informação; [...]. (idem, p. 473-4)

É indicado que os painéis e/ou maquete(s) incluam textos escritos concisos, por serem um tipo de comunicação para o qual as pessoas não dedicam tanto tempo. Inspirados na linguagem de infográficos, os painéis podem incluir vetores, explorar tipos diferentes de letras (diversidade de fontes, cores e tamanhos de acordo com sua funcionalidade e estética) e imagens (fotos, gráficos e ilustrações, entre outros recursos). Dessa forma, os estudantes poderão se valer do uso do computador — tanto para pesquisa como para digitação e impressão de materiais. Conhecer melhor como funciona um infográfico e suas potencialidades comunicativas é bastante interessante, e o professor de **Arte** pode ser um forte aliado nessa proposta — assim como a sala de informática oferece muitas ferramentas valiosas, visto que os infográficos podem ser produzidos de forma digital, incluindo *gifs* e sons.

A maquete, por sua vez, é envolvente para quem produz e atrativa para o público, e pode contar com o apoio do professor de Arte, sendo uma oportunidade de os jovens se expressarem por meio de uma produção artística.

Por meio dessa representação tridimensional, totens podem ser fixados no suporte, com informações escritas e imagens recortadas (impressas ou desenhadas pelos estudantes). Nessa representação, uma ideia é trazer versos ou estrofes de Manoel de Barros nos totens, espalhados pelo bioma Pantanal, quando houver algum ponto de contato — seja vegetação, hidrografia ou fauna. Como esse bioma é uma das maiores extensões úmidas do planeta, duas maquetes podem ser produzidas devido aos ciclos das águas, visto que a ocupação do espaço pela fauna muda, conforme sobem e descem as águas na planície.

As duas propostas oferecem bastante oportunidade de cada estudante participar contribuindo de acordo com seus variados interesses e diferentes habilidades. Outra hipótese, para complementar o trabalho, se painéis e maquetes forem expostos, é planejar um possível monitoramento das informações ao público.

UM DIA ESPECIAL PARA O DEBATE

Mas, como nem tudo são belezas no Pantanal, pode-se trabalhar outro tipo de sensibilidade do olhar para a natureza, dando atenção às queimadas que se intensificam na época de seca ou que são causadas de forma criminosa por interesses do agronegócio. Quais as causas? O que colabora para esse evento avassalador que destrói fauna e flora? Em que estado, como são as plantas e os animais que aparecem na poesia de Manoel de Barros? Esse paralelo certamente pode gerar debates e muita troca de informação. Os meios de comunicação entram em cena nesse momento da proposta, com notícias que tanto divulgam a devastação como focalizam a investigação sobre a origem dos incêndios, que podem ser criminosos e se agravam devido às condições climáticas.

Pode-se exibir um vídeo curto e sensibilizador sobre os impactos dessas queimadas para os animais, explicitando como uma filmagem limitada a uma cena única pode ser muito potente para informar e emocionar. Semelhante ao que faz Manoel de Barros, que olha para as miudezas do chão, com suas pedrinhas, caracóis, lesmas e formigas, a cena do vídeo foca um pedaço de terra devastada, com restos da queimada e um tatuzinho faminto que come avidamente a manga deixada por um turista.

Vale atentar para o momento em que ele encontra a fruta, e aumentar o volume quando ele a come, mostrando que a fome tem som. Essa cena pode ser acessada em: **https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/10/02/video-tatu-faminto-come-manga-deixada-por-voluntarios-em-area-atingida-pelo-fogo-no-pantanal-de-mt.ghtml**. Outro vídeo, também com tatu, mostra-o sedento, no mesmo Pantanal: **www.youtube.com/watch?v=WYJ8k2--Gf4** (acessos em: 30 out. 2020).

A proposta é formar uma grande roda com os estudantes e com os professores que puderem participar, das variadas áreas. Os vídeos indicados podem ser

disparadores do debate e outros poderão ser apresentados, conforme o planejamento dos professores que conduzirão o debate. Organizar a vez de falar e fazer combinados sobre a forma de se relacionar com as ideias do outro são procedimentos que compõem aprendizagem — e que incluem ética no trato com o outro e no enfrentamento da diversidade de ideias.

Estamos falando também de reconhecer habilidades da BNCC consonantes com a proposição dessas atividades:

> **(EM13CNT203)** Avaliar e prever efeitos de intervenções nos ecossistemas, e seus impactos nos seres vivos e no corpo humano, com base nos mecanismos de manutenção da vida, nos ciclos da matéria e nas transformações e transferências de energia, utilizando representações e simulações sobre tais fatores, com ou sem o uso de dispositivos e aplicativos digitais (como softwares de simulação e de realidade virtual, entre outros).
>
> **(EM13CNT206)** Discutir a importância da preservação e conservação da biodiversidade, considerando parâmetros qualitativos e quantitativos, e avaliar os efeitos da ação humana e das políticas ambientais para a garantia da sustentabilidade do planeta.

Outra parte da proposta inclui finalizar o debate com a leitura de algumas estrofes de poemas de *Menino do mato*. Os jovens podem ser solicitados, na aula anterior, a escolher uma ou mais estrofes do livro, trechos com predominante referência à natureza. Para concluir, os professores podem tematizar as formas de produzir e de receber informações, de envolver-se emocionalmente, seja pela literatura, seja por meio de notícias e reportagens. É também uma oportunidade de compreender que o conhecimento é organizado em áreas apenas para facilitar o estudo e estruturar ações e informações. Vale observar que textos literários também informam, assim como textos não literários também emocionam.

CONVERSA ENTRE GÊNEROS: POEMA, ARTIGO E REPORTAGEM AUDIOVISUAL

Na aula de Língua Portuguesa, para complementar a percepção sobre as possibilidades expressivas da linguagem literária, sugerimos a leitura de um texto de Manoel de Barros, da obra *Livro de pré-coisas* (1985). Bastante expressivo para ser apresentado aos jovens quando estiverem pesquisando e debatendo sobre ações humanas que alteram o ambiente natural, "Um rio desbocado" versa

sobre o Taquari, um dos maiores rios pantaneiros — na atualidade desapareceu em parte devido ao assoreamento que eliminou atividades econômicas e hoje é até utilizado como estrada. Esse rio conduz o leitor a uma viagem poética pelo Pantanal sul-mato-grossense.

CENÁRIOS

Um rio desbocado

Definitivo, cabal, nunca há de ser este rio Taquari. Cheio de furos pelos lados, torneiral — ele derrama e destramela à toa.

Só com uma tromba d'água se engravida. E empacha. Estoura. Arromba. Carrega barrancos. Cria bocas enormes. Vaza por elas. Cava e recava novos leitos.

E destampa adoidado...

Cavalo que desembesta. Se empolga. Escouceia árdego de sol e cio. Esfrega o rosto na escória. E invade, em estendal imprevisível, as terras do Pantanal.

Depois se espraia amoroso, libidinoso animal de água, abraçando e cheirando a terra fêmea.

Agora madura nos campos sossegado. Está sesteando debaixo das árvores. Se entorna preguiçosamente e inventa novas margens. Por várzeas e boqueirões passeia

manheiro. Erra pelos cerrados. Prefere os deslimites do vago, o campinal dos lobinhos.

E vai empurrando, através dos corixos, baías e largos, suas águas vadias.

Estanca por vezes nos currais e pomares de algumas fazendas. Descansa uns dias debaixo das pimenteiras, dos landis, dos guanandis — que agradecem.

De tarde à sombra dos cambarás pacus comem frutas.

Meninos pescam das varandas da casa.

Com pouco, esse rio se entedia de tanta planura, de tanta lonjura, de tanta grandura — volta para sua caixa. Deu força para as raízes. Alargou, aprofundou alguns

braços ressecos. Enxertou suas areias. Fez brotar sua flora. Alegrou sua fauna. Mas deixou no Pantanal um pouco de seus peixes.

E emprenhou de seu limo, seus lanhos, seu húmus — o solo do Pantanal.

Faz isso todos os anos, como se fosse uma obrigação.

Tão necessário, pelo que tem de fecundante e renovador, esse rio Taquari, desbocado e malcomportado, e temido também pelos seus ribeirinhos.

Pois, se livra das pragas nossos campos, também leva parte de nossos rebanhos.

Este é um rio cujos estragos compõem.

(BARROS, 2010, p. 202-3)

PÓS-LEITURA

Após a leitura desse texto, sugerimos que sejam apresentados aos jovens um artigo e uma reportagem em vídeo sobre o rio Taquari. (Isso pode ser feito antes da leitura do poema, conforme a dinâmica da atividade.)

- **http://bit.ly/desastrepantanal**;
- **http://g1.globo.com/mato-grosso-do-sul/videos/v/rio-taquari-um-dos-maiores-rios-pantaneiros-tem-150-km-sem-agua/8099435** (acessos em: 5 out. 2020).

Essa experiência — de parear gêneros com objetivos diferentes, um em linguagem de teor informativo e outro em linguagem literária, ambos com um mesmo referente, o rio — potencializa a compreensão sobre linguagens e expressão, e sobre intertextualidade. Nesse caso, colabora para reconhecer especialmente a potencialidade plástica da linguagem literária. E possibilita reconhecer como Manoel de Barros consegue efeitos visuais e cinéticos por meio da palavra. Em "Um rio desbocado" há metáforas abundantes e escolhas sonoras pontuais (atentar para as vogais abertas e as fechadas). É uma verdadeira "filmagem" que se põe aos olhos do leitor, uma filmagem sobre um rio que "arromba" e se esparrama pela planície pantaneira.

Tal como vemos na BNCC, trata-se de aproximação entre linguagens que está representada em habilidades como:

> **(EM13LP03)** Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paráfrases, paródias e estilizações, entre outras possibilidades.

SUGESTÕES DE VÍDEOS SOBRE O PANTANAL

Estrada Parque — Pantanal sul-mato-grossense — Corumbá/MS. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=ywqF_ncMwpU&t=622s**. Acesso em: 4 out. 2020. Vídeo de viajantes que registram um percurso de 120 quilômetros pela Estrada Parque, que liga Aquidauana a Corumbá, na divisa com a Bolívia, pela qual se acessa o Pantanal do rio Negro e de Nhecolândia. É possível apreciar a paisagem cortada pelas estradas, ver alguns animais e as pontes

de madeira do percurso. Finaliza com a chegada a Corumbá, capital de Mato Grosso, e uma visita ao Museu da História do Pantanal.

Pantanal — Flora e fauna. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=06fT93UZ3Xg&t=172s**. Acesso em: 24 out. 2020.
Montagem de fotos com visão panorâmica e imagens de espécies que povoam o bioma em questão.

Biodiversidade do Pantanal — Programa Repórter Eco. Fundação Padre Anchieta, abr. 2016. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=RUxgZI1_fRw.** Acesso em: 24 out. 2020.
Visão ampla sobre o bioma, inclui localização, ciclo das águas, vegetação, espécies animais.

Biomas Pantanal. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=vpm5ygA0nb0.** Acesso em: 4 out. 2020.
Produção com belas imagens do bioma Pantanal, que dá a conhecer ações da WWF, que atua com organizações não governamentais (ONGS) locais.

Ciclo das águas — Pantanal. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=HMtFSxbT0bE&t=6s.** Acesso em: 24 out. 2020.
Panorama da flora e da fauna pantaneira; exposição sobre a bacia hidrográfica, a dependência do Pantanal do regime de inundações, a sensibilidade aos impactos em planalto e planície que provocam alteração no ciclo das águas (ações da pecuária e do plantio de soja, instalação de hidrelétricas, além da presença de esgoto químico e da mineração).

O conteúdo desses vídeos se correlaciona com algumas habilidades presentes na BNCC, identificadas na área das Ciências Humanas e Tecnologias, como:

(EM13CHS302) Analisar e avaliar criticamente os impactos econômicos e socioambientais de cadeias produtivas ligadas à exploração de recursos naturais e às atividades agropecuárias em diferentes ambientes e escalas de análise, considerando o modo de vida das populações locais — entre elas as indígenas, quilombolas e demais comunidades tradicionais —, suas práticas agroextrativistas e o compromisso com a sustentabilidade.

(EM13CHS304) Analisar os impactos socioambientais decorrentes de práticas de instituições governamentais, de empresas e de indivíduos, discutindo as origens dessas práticas, selecionando, incorporando e promovendo aquelas que favoreçam a consciência e a ética socioambiental e o consumo responsável.

APROFUNDAMENTO: ANÁLISE ESTÉTICA E CRÍTICA DA OBRA

Caro professor, este é o momento de retomar conceitos anunciados nas propostas de atividades, aprofundando-os de forma a colaborar para a apreensão mais ampla da poética de Manoel de Barros em *Menino do mato*. Considerações que em grande parte valem para toda a obra do poeta, uma vez que na quase totalidade dela os conteúdos temáticos e linguísticos são recorrentes.

ESTRUTURA: AUTOR E SUJEITO LÍRICO SE CONFUNDEM – E PROVOCAM O LEITOR

A obra está dividia em duas partes, "Menino do mato" e "Caderno de aprendiz". Elas se correlacionam, por semelhanças e por especificidades. Na primeira, as estrofes são numeradas com algarismos romanos — que nos remetem ao antigo, ao passado; na segunda, as estrofes são numeradas com arábicos, o que pode indicar um momento presente. A leitura dos poemas vai nos confirmando que a primeira parte expressa o passado, a infância. A segunda parte se ocupa do presente, preponderantemente, pois em ambas presente e passado se interligam.

Vejamos como ocorre nos poemas: "Menino do mato" se inicia com um desejo, "Eu queria usar palavras de ave para escrever". O segundo verso diz:

> *Onde a gente morava era um lugar imensamente e sem*
> *nomeação.* (p. 13)

Assim começam as "memórias" do eu lírico:

> *Ali a gente brincava de brincar com palavras*
> *tipo assim: Hoje eu vi uma formiga ajoelhada na pedra!* (p. 13)

Predomina o narrativo no poema. Conta-se sobre os fazeres dos meninos, o gosto deles pelas palavras, pois em uma natureza ampla e sem vizinhança, era preciso brincar com as palavras:

> *Então era preciso desver o mundo para sair daquele*
> *lugar imensamente e sem lado* (p. 14).

O poema segue narrando: na infância do eu lírico havia o Pai, a Mãe, o avô e o Bernardo. A estrofe II conta que o avô namorava a solidão e o Pai apoiava as brincadeiras com as palavras das crianças. A estrofe III é dedicada a Bernardo,

que continua muito presente nas estrofes IV e V. A estrofe V é singularmente expressiva e ratifica a importância do ser poético Bernardo, narrando um dia em que os meninos ficaram perdidos até quase anoitecer:

> *Na beira da noite a gente estava sem rumo.*
> *Bernardo apareceu e disse que vento é cavalo.*
> *Então montamos na garupa do vento e logo chegamos*
> *em casa*. (p. 22)

Até esse ponto são memórias, narrativa, os meninos sempre entre rios, árvores, caracóis, formigas. E o que foram memórias, na estrofe VI, e última, revela um eu lírico num tempo presente, exaltando a natureza, recuperando sua ancestralidade. E assim inicia:

> *Desde o começo do mundo água e chão se amam*
> *e se entram amorosamente*
> *e se fecundam.* [...]
> *Agora eu penso nas águas do Pantanal.* (p. 25)

A estrofe é uma ode à natureza, recupera a ciência da água como origem da vida.

> *Penso com humildade que fui convidado para o*
> *banquete dessas águas.*
> *Porque sou de bugre.*
> *Porque sou de brejo.* (p. 25)

Há uma reverência ao passado irmanado à natureza presente e àquela da qual a humanidade se origina — como foi Manoel de Barros, filho do Pantanal.

É nesses versos, com afirmação tão contundente da própria origem, que o eu lírico e o autor se contaminam, realizando uma quase autobiografia. *Quase*, pois trazer dados biográficos no texto literário já não é mais exatamente biografia. Em entrevista, Manoel de Barros disse a Mônica Rodrigues da Costa:

> Quando eu era criança eu deveria pular o muro do vizinho pra catar goiaba. Mas não havia vizinho. [...] Sou agora um manobreiro de palavras. A palavra está me dando o peralta que não fui. (ITAÚ CULTURAL, 2019)

Em vários momentos, o eu lírico dá a entender que se distancia do personagem "menino" e dos demais, tratando-os em terceira pessoa:

> *Esses meninos faziam parte do arrebol como*
> *os passarinhos.* (p. 16)

Mas logo se inclui neles:

A gente queria encontrar imagens de aves abençoadas
pela inocência. (p. 14)

E usa a primeira pessoa:

Eu sonhava de escrever um livro [...] (p. 19)

Voltando ao primeiro verso, da estrofe 1: "Eu queria usar palavras de ave para escrever." (p. 13), se entendermos "palavras de ave" como "palavras poéticas", elevadas, que fluem de forma livre e bela, podemos dizer que, como leitores, testemunhamos que isso ocorre. A "palavra de ave" foi "usada", manifestou-se na própria escrita do poema "Menino do mato".

A primeira estrofe de "Caderno de aprendiz" também expressa desejos:

Eu queria ser banhado por um rio como
um sítio é.
Como as árvores são. [...]
Eu fosse inventado de ter uma garça e outros
pássaros em minhas árvores. (p. 29)

Desejo de ser a natureza em liberdade, comparado a rio, pássaros, andarilhos. O eu lírico prossegue, uma voz em que as memórias ecoam, mas principalmente na posição de um presente que se realiza. Eu lírico de si mesmo, na segunda estrofe o poeta diz:

Invento para me conhecer. (p. 31)

Na terceira estrofe:

Eu só faço travessuras com palavras. (p. 33)

Até a estrofe 17, eu lírico e poeta mantêm-se contagiados. Em tom de axiomas, expressa(m) o que considera(m) verdades sobre a poética, e teoriza(m):

Escrever o que não acontece é tarefa da poesia. (p. 35)

Para cantar é preciso perder o interesse de informar. (p. 43).

O próprio Manoel disse no documentário *Só dez por cento é mentira*: "Eu não quero dar informação, eu quero dar encantamento" (41min24). O eu lírico — e o poeta — confessam:

Invento para me conhecer. (p. 31)

Eu gosto do absurdo divino das imagens. (p. 39)

São, portanto, eu lírico e poeta, em um tempo presente, um representado pelo outro.

A manifestação do eu lírico por meio de axiomas voltados à poética que defende o olhar sensível sobre a natureza confirma o interesse pela teorização, quando são citados o filósofo e linguista búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017) (estrofe 30) e o poeta anarquista e crítico de arte e de literatura britânico Herbert Read (1893-1968) (estrofe 32) — autores que Manoel de Barros lia.

Outra interligação dos poemas se dá quando a segunda parte retoma imagens da primeira parte.

> Eu vi *a manhã pousada em cima de uma pedra!*
> *Isso não muda a feição da natureza*? (estrofe 11, p. 49, destaque nosso)

> [...] eu via *a manhã pousada sobre as margens do*
> *rio do mesmo modo que uma garça aberta na solidão*
> *de uma pedra.* (estrofe I, p. 13, destaque nosso)

Na estrofe 33 do "Caderno de aprendiz", o eu lírico quase realiza o desejo de se transformar em natureza:

> *Naquele dia eu estava um rio*. (p. 93)

Porém, fala a voz da razão (estrofe 35):

> *Então a razão me falou: o homem não*
> *pode fazer parte do orvalho como as pedras*
> *fazem.*
> *Porque o homem não se transfigura senão*
> *pelas palavras*. (p. 97)

Tendo compreendido isso, o eu lírico então escreve um poema para se transfigurar pelas palavras. O "primeiro poema" dele, do aprendiz, é toda a estrofe 36, justamente nela aparece um índio terena, a representação do primitivo, dos habitantes originais daquelas terras pantaneiras. Não teria sido uma forma de o "eu lírico" simbolicamente se tornar natureza original?

Dessa forma, "Caderno de aprendiz" realiza um movimento circular com "Menino do mato": eles se retroalimentam. O leitor tem ao seu dispor um banquete com a obsessão do eu lírico pela natureza, pela infância e pelas palavras.

Vejamos alguns pratos desse banquete, como exemplos de recursos expressivos (nos versos a seguir, os destaques são nossos):

Figuras de semântica (escolhas relacionadas ao significado e sentido das palavras):

Sinestesia (aproximação inusitada de palavras de dois campos sensoriais): "A *voz* era *azul*" (p. 99) — audição e visão.

Personificação (atribuição de características humanas ao que não é humano): "Eu queria que minhas *palavras de joelhos*/ no chão pudessem ouvir as origens da terra" (p. 69).

Metáfora (aproximação por similaridade, comparando sem a presença do termo comparativo): "*Poesia* é um *desenho verbal* da inocência"! (p. 71).

Catacrese (diante da ausência de termo específico para designar algo, faz-se uma substituição): "Ele viu um passarinho sentado no *ombro do arrebol*" (p. 63).

Figuras de sintaxe (alteração na ordem canônica das palavras e segmentos na frase):

Anáfora (repetição intencional de uma mesma palavra ou expressão): "Ah, o pai! O pai vaquejava e vaquejava" (p. 21).

Paralelismo (repetição de uma mesma estrutura sintática): "Ponho por caso um tonto./ *Um que a natureza progredisse*/ para árvore./ *Um que vadiasse de ave como*/ as pedras vadiam de orvalho./ *Um que soubesse de flor*/ *como* as abelhas sabem" (p. 77).

Hipérbato ou inversão (troca de ordem dos termos nos enunciados): "Perto havia um brejo canoro de rãs" (p. 17).

Figuras de som (escolhas relacionadas à sonoridade):

Aliteração (repetição de um mesmo som consonantal): "Quisera o canto jubiloso/ que corresse por dentro de minhas palavras./ Como um rio destampado corresse para os/ campos" (p. 79).

Assonância (repetição de um mesmo som vocálico): "A borboleta maior enfiou uma coisa fininha/ que nem tripa de lambari/ na borboleta menor" (p. 75).

Além desses tradicionais recursos expressivos, Manoel de Barros é fértil em manipular livremente a pontuação, como faz em:

> *Nosso conhecimento não era de estudar em livros.*
> *Era de pegar de apalpar de ouvir e de outros sentidos.* (p. 15)

E ainda cria facilmente neologismos, o mais frequente, utilizando o prefixo "des", como em "Eu queria mesmo *des*ver o mundo" (p. 20).

É de destacar que o privilégio dessas criações expressivas não é apenas de Manoel de Barros, mas da Geração de 45, a terceira fase modernista, na qual o poeta foi inicialmente incluído e na qual se destaca Guimarães Rosa, com sua característica radicalização da linguagem — e de cuja produção Manoel de Barros tanto se aproxima.

SUGESTÕES DE REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

A fruição da obra de Manoel de Barros pode ser ampliada pelas referências que se seguem, nas quais figuram produções criativas em diversas linguagens artísticas, em diálogo brincante e também poético, como a obra do poeta.

Animação: *Histórias da unha do dedão do pé do fim do mundo.* Direção e desenhos: Evandro Salles. Brasil, 2007, 9min05. Trecho disponível em: **www.youtube.com/watch?v=KZTsgsCiXeQ**. Acesso em: 15 out. 2020.

Inspirada em poemas de Manoel de Barros, uma produção audiovisual não só para o público infantil, mas para pessoas de todas as idades. Vídeo integrante da exposição *Arte para crianças*, com roteiro de Bianca Romaneda, jornalista, atriz e escritora que participou de várias criações artísticas movida pela admiração ao poeta. Os poemas tecem intertextualidade com os poemas de *Menino do mato* e muitos outros de Manoel de Barros. Na internet é possível encontrar o vídeo inteiro.

Música: "Bernardo". Poema musicado por Márcio de Camillo. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=PTG_TLyFQEg&feature=emb_logo**. Acesso em: 15 out. 2020.

O poema se refere à morte de Bernardo, funcionário da fazenda onde morou o poeta e amigo de Manoel de Barros. Personagem que figura em *Menino do mato*, é central na última obra do poeta, *Escrita em verbal de ave.* O poema musicado faz parte do álbum *Crianceiras*, indicado como um dos três melhores álbuns infantis de 2012 pelo Prêmio da Música Brasileira e fez parte do Gloob, canal infantil da Globosat. O CD tem a capa ilustrada por Martha de Barros, filha do poeta. No site **www.crianceiras.com.br/manoel-de-barros/disco** é possível ver e ouvir outros poemas musicados.

Foto: Bernardo e o seu cachimbo. Disponível em: **www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/aos-97-anos-manoel-de-barros-renasce-em-bernardo-e-com-poesia-inedita**. Acesso em: 16 out. 2020.

O artigo "Aos 97 anos, Manoel de Barros renasce em 'Bernardo' e com poesia inédita" apresenta um pouco sobre a história de Bernardo, o velho amigo de Manoel de Barros que inspirou tantos de seus poemas. No texto podemos ver também uma foto de Bernardo, cujo grande prazer era fumar cachimbo.

Declamação do poema "O menino que carregava água na peneira". Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=JWRMUk4nzR0**. Acesso em: 16 out. 2020.
O youtuber Odilon Esteves declama um dos poemas da obra *Exercícios de ser criança*, publicada como livro infantil em 1999.

Leitura do poema "Autorretrato", por Bianca Romaneda. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=PX7OBEe4qbU**. Acesso em: 16 out. 2020.
O poema faz parte do livro *Ensaios fotográficos*, de Manoel de Barros, publicado em 2000. A leitura foi gravada em 2018 e fez parte do projeto *Ocupação Manoel de Barros*, do Itaú Cultural que homenageou o poeta em 2019. A leitura da jornalista e atriz pode inspirar quem deseja ler poemas em público.

Leitura do poema 13, da obra *Livro sobre nada*. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=wAoSrxERfYE**. Acesso em: 20 out. 2020.
Cássia Kiss, amiga e admiradora de Manoel de Barros, lê um poema dele. A leitura fez parte do projeto *Ocupação Manoel de Barros*, promovido pelo Itaú Cultural em 2019.

Música: "Retrato do artista quando coisa". Musicado por Luiz Melodia. Indie Records, 2001. Disponível em: **www.youtube.com/watch?v=MYxg9rPSCVA**. Acesso em: 26 out. 2020.
O poema de Manoel de Barros foi musicado e integra um CD homônimo lançado em 2001, com arranjos de cordas e sopros realizados com bastante sofisticação. O título do poema promove uma intertextualidade com o título do primeiro livro de James Joyce, *Retrato do artista quando jovem* (1916), que narra os ritos de passagem da infância para a adolescência do personagem. Na obra de Manoel de Barros, o eu lírico também passa por um processo transformador: integra-se à natureza, se coisifica.

BIBLIOGRAFIA COMENTADA

CARRANZA, Marcela. "O rinoceronte na sala de aula ou a transgressão da linguagem literária". *Cadernos Emília*, ano 1, n. 2, 2018. Disponível em: **https://revistaemilia.com.br/wp-content/uploads/2018/12/CadernoEmilia2_AF_Issuu.pdf**. Acesso em: 28 out. 2020.
A autora argentina produz artigos para revistas especializadas em literatura infantil e educação, ministra aulas para crianças e jovens e coordena

aulas de escrita em cursos de formação de professores em Buenos Aires. Neste artigo, toma o rinoceronte como símbolo da arte, entre elas a literatura — a literatura como aquela que transgride e pode amedrontar, se vista como um monstro. Defende que esse "animal" seja levado às salas de aula por professores "de alma", que tenham a coragem de questionar a domesticação da literatura, como a censura de temas nos livros para a infância e a simplificação do vocabulário no ato da leitura para crianças.

COLOMER, Teresa. *Andar entre livros*: *A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 2007.

Convencida de que os livros são os melhores colaboradores dos professores para a formação do leitor, a professora e pesquisadora espanhola Teresa Colomer oferece nesta obra uma contribuição valiosa tanto para a ampliação de referências sobre a relação entre escola, leitores e livros, como para a reflexão sobre o potencial de diferentes propostas escolares que envolvam a leitura.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

O livro apresenta um panorama sobre como se desenvolveram os estudos de recepção em leitura, principalmente na Europa a partir da década de 1970. Além de trazer o estudo de teóricos da leitura, mostra como alguns críticos concebem a interpretação do texto literário. Os capítulos são nomeados por meio de perguntas, apontando os focos de discussão: "O que é leitura?", "Um quebra-cabeça teórico: o leitor é pensável?", "Como se lê?", "O que se lê?". E finaliza com "O vivido da leitura".

KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor*: *aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 2002.

A autora, mestra e doutora em linguística, apresenta os diversos conhecimentos que o leitor ativa na construção do sentido do texto: o conhecimento linguístico, o conhecimento textual e o conhecimento de mundo. Segundo suas pesquisas, o leitor, valendo-se apenas das informações do texto, pode não compreendê-lo totalmente, e por isso ativa outros tipos de conhecimento como compensação para essa falha momentânea.

OBRAS CITADAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARROS, Manoel de. *Livro de pré-coisas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2021.

_____. *O livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

_____. *Poemas concebidos sem pecado* e *Face imóvel*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Consed/Undime, 2018.

_____. Ministério da Educação. *Referenciais curriculares para a elaboração de itinerários formativos*, 2018. Disponível em: **http://novoensinomedio.mec.gov.br/resources/downloads/pdf/DCEIF.pdf**. Acesso em: 7 out. 2020.

_____. Secretaria de Educação Básica. *Orientações curriculares para o Ensino Médio*. V. 1: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006. Disponível em: **http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf**. Acesso em: 28 out. 2020.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*: *literatura e senso comum*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

ITAÚ CULTURAL. *Ocupação Manoel de Barros*. São Paulo, 2019. Disponível em: **www.itaucultural.org.br/ocupacao/manoel-de-barros**. Acesso em: 28 out. 2020.

KEMPFER, Ângela; MARTINS, Bosco. "Aos 97 anos, Manoel de Barros renasce em 'Bernardo' e com poesia inédita", *Campo Grande News*, dez. 2013. Disponível em: **www.campograndenews.com.br/lado-b/artes-23-08-2011-08/aos-97-anos-manoel-de-barros-renasce-em-bernardo-e-com-poesia-inedita**. Acesso em: 6 nov. 2020.

LUIZE, Andréa. "A leitura compartilhada nas classes de fundamental I", Blog da Escola da Vila, 27 set. 2011. Disponível em: **www.escoladavila.com.br/blog/?p=3033**. Acesso em: 19 set. 2020.

MARTÍNEZ, Guilhermo. "Elogio de la dificuldade", Suplemento de Cultura, *Clarín*, Buenos Aires, 24 abr. 2001. Disponível em: **http://guillermomartinezweb.blogspot.com/2011/06/elogio-de-la-dificultad.html**. Acesso em: 19 set. 2020.

MARTINS, Bosco. Entrevista com Manoel de Barros. *Caros Amigos*, ano X, n. 117, dez. 2006. Disponível em: **http://bosco.blog.br/manoel-de-barros/aos-noventa-anos-manoel-de-barros-se-considera-um-songo**. Acesso em: 28 out. 2020.